

---

## Cientistas negras: tecnologia das intelectuais x apagamento midiático<sup>1</sup>

Zilda MARTINS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Este trabalho nasce de disciplina eletiva oferecida a estudantes de graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, como um desafio de trazer à sala de aula nomes importantes para a ciência brasileira, mas que são invisibilizados pela mídia. O problema apresentado “você conhecem?” tem como objetivo refletir sobre a leitura que fazemos do mundo a partir das lentes oferecidas para compreender o real histórico. O trabalho ancora-se teoricamente em Grada Kilomba (2019); Barbara Carine (2023), bell hooks (2011) e outras, com metodologia bibliográfica, empírico-descritiva e sinóptica (Sodré, 2014). Os primeiros resultados são a emergência do esperançar (Freire, 1992) pelo espelho da existência.

### PALAVRAS-CHAVE

Cientista negra; tecnologia; invisibilidade midiática; esperançar.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho busca examinar como a sociedade/mídia esconde quem deveria acolher, visibilizar, reconhecer e recompensar/premiar pelo desenvolvimento e uso de tecnologias para o bem comum, a exemplo de cientistas negras, midiaticamente apagadas. O conceito de bem comum é debatido pela filosofia – Platão, Aristóteles, Rousseau e outros – em diferentes épocas históricas, e traz uma dimensão moderna do interesse público, comum e direitos fundamentais individuais.

O tema cientistas negras esteve em sala de aula de uma disciplina eletiva, ministrada pela autora deste artigo, durante um semestre. Estavam matriculadas/os estudantes de graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, e por ser eletiva, também havia alunos da Sociologia e Biblioteconomia. O desafio da disciplina era fazer o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora substituta da Escola de Comunicação da UFRJ, pesquisadora do LECC e coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais – GEMS – LECC/ECO/UFRJ. E-mail: [zilda.martins@eco.ufrj.br](mailto:zilda.martins@eco.ufrj.br)

---

levantamento de intelectuais negras com feitos relevantes no Brasil e no exterior. Pesquisamos intelectuais de África, Europa e América.

A cada aula, a pergunta inicial, após apresentação da cientista do dia era: Vocês conhecem? Já suspeitando das respostas, o objetivo da disciplina passou a ser refletirmos juntas/os sobre a leitura que fazemos do mundo, na perspectiva de Paulo Freire (1981), a partir das lentes oferecidas para compreender o real histórico. Esse também é o objetivo desse artigo. Quem é Zélia Amador de Deus? Viviane dos Santos Barbosa? Gladys Mae West? Aparecida da Silva Bento? Wangari Muta Maathai? Jacqueline Goes de Jesus? Jane Cooke White? Sonia Guimarães? Enedina Alves Marques? Françoise Vergès? Rosane Borges? Elizabeth Anionwu? Mary Jackson? Eliza Maria Ferreira Veras da Silva? Barbara Carine? Nadia Ayad? Merit Ptah? Rebeca Davis Lee Crumpter?

A lista é grande, mas as respostas negativas preponderaram. A maioria dos/as alunos/as disseram não conhecer. O trabalho ancora-se teoricamente em autoras como Grada Kilomba (2019), Barbara Carine (2023), bell hooks (2011), Cida Bento (2022), Rosane Borges (2011), Paulo Freire (1992), Muniz Sodré (2023) e outros. A metodologia utilizada é bibliográfica, empírico-descritiva e sinóptica (Sodré, 2014). Se considerarmos os resultados da pesquisa podemos trazer o conceito *esperançar*, de Paulo Freire (1992), a partir do espelho da existência.

## AS CIENTISTAS NEGRAS

No primeiro dia de aula coloquei no quadro uma lista de intelectuais negras e pedi que as/os estudantes as identificassem. Para minha surpresa ou não, disseram não conhecer a maioria. Na lista tinha Anna Canavarro Benite; Jaqueline Goes de Jesus; Sonia Guimaraes; Sueli Carneiro; Petronilha Beatriz Gonçalves; Nilma Lino Gomes; Bárbara Carine. A esses nomes acrescentei outros, mas todas desconhecidas por jovens que estão no terceiro grau de uma universidade pública, considerada de excelência. Aos poucos foram lembrando da Nilma Lino Gomes e da Sueli Carneiro, e quando falei da Covid 19 e do sequenciamento genético do vírus, lembraram das notícias na mídia, mas não haviam guardado o nome da Jaqueline.

O que torna invisível pessoas de tamanha relevância científica na sociedade? Grada Kilomba nos ajuda a compreender o silenciamento quando fala de memórias vivas enterradas em nossa psiquê. Uma delas é o interdito da boca, como a máscara, materialmente usada no período da escravização, e simbolicamente, na

contemporaneidade. “A boca simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem [...] controlar e, conseqüentemente, o órgão que, historicamente tem sido severamente censurado”. (KILOMBA, 2019, p. 34).

Como sabemos, as notícias são construções sociais de uma dada realidade, porém se esta é atravessada por máscaras, o filtro pode não representar o real, mas o desejo do real. No processo de elaboração da notícia, a psiquê do redator, seja consciente ou inconscientemente reproduz a censura e o não dito, garantindo o “silêncio como segredo”. (KILOMBA, 2019, p. 41). A autora dialoga com Freud, para quem ‘a essência da repressão’ “encontra-se simplesmente em afastar-se de algo e mantê-lo à distância do consciente”. (KILOMBA, 2019 *apud* FREUD, 1923, p. 17).

A reflexão sobre a pergunta acima nos leva ao conceito de Outridade, apresentado por Kilomba (2019), quando explica esse desejo inconsciente da.o branca.o de afastar-se da pessoa negra, a quem atribui a culpabilidade sobre os seus próprios atos, de tortura, maus-tratos, violência simbólica, silenciamento. A justificativa é que o ego mantém distante por repulsa o outro construído por ela.e, mas que está em si própria.o.

Desse modo, a não representação midiática das cientistas negras na televisão, mesmo com a potência que têm, reforça o conforto branco de não ouvir, de não se abrir e de manter desconhecido o conhecido. Considerando que “o ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, [...] ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante.” (KILOMBA, 2019, p. 42). Ou seja, ao estabelecer uma dialética, instaura-se também o sentido de pertencimento, mas no caso das intelectuais analisadas, a máscara emerge, atuando como um dispositivo de afastar a possibilidade das cientistas negras de serem sujeitas do conhecimento, visibilizadas e reconhecidas. Elas atuam na sombra da mídia e trazendo a máxima de Debord (2003) de que se a pessoa não é imagem, logo não existe.

Um motivo que historicamente afastou intelectuais negras.os do cenário de visibilização foi a crença na origem da ciência no ocidente. Com isso, “a representação de cientistas reproduzidas em manuais de ciências em geral são a de homens cisgêneros, heterossexuais e brancos”. (PINHEIRO, 2020, p. 13). O corpo feminino tinha um lugar de resignação e subalternização, reforçado pela máscara do silenciamento. A ciência como espaço de poder decidia sobre a sua própria representação e, como afirma a autora (2020), o desenvolvimento científico foi associado à imagem de sujeitos sociais aceitos e

---

hegemonicos. A contradição é que durante séculos a tecnologia usada no sistema escravista era trazida e aplicada por africanos deportados de suas terras.

Barbara Carine ressalta que a herança da riqueza brasileira é oriunda da ação técnica e científica de pessoas negras escravizadas. “O conhecimento tecnológico estava presente em diversos ambientes culturais e sociais da África antiga, e esses povos, que foram sequestrados e escravizados, lançaram mão dos seus saberes ancestrais para sobreviverem nessas terras (PINHEIRO, 2020, p. 13, *apud* SILVA, 2013).

De fato, se recuperarmos a história, descobrimos que a tecnologia veio de África. São diversos exemplos a serem explorados, mas aqui fico com Merit Ptah, uma das cientistas do Kemet (Egito antigo), apresentada aos estudantes. Ptah tinha o domínio das ciências médicas.

Ptah nasceu no Kemet durante a idade do Bronze, por volta de 2700 a.C. Ao que parece, Merit Ptah viveu em Saqqara, a necrópole da antiga capital do Mênfis, cerca de 19 km ao sul do Cairo. Segundo Machado (2014), nesta cidade, seu filho, um Alto Sacerdote, inscreveu no seu túmulo o título: ‘médica chefe’. Merit Ptah [...] foi uma cientista egípcia, considerada a primeira médica registrada do mundo. (MASCARENHAS, 2021, p. 73).

Em sua dissertação, Mascarenhas (2021) traz outra cientista, Peseshet, que exerceu suas atividades cerca de 2500 a.C., posterior à Ptah. “Dass (2020) coloca que Peseshet foi uma médica que atuou na quarta Dinastia egípcia [...]. Ela possuía o título de senhora supervisora das médicas além de atuar na supervisão. Treinava mulheres para serem parteiras em uma antiga escola médica egípcia”. (MASCARENHAS, 2021, p. 73).

## CONSIDERAÇÕES

A experiência da disciplina “Intelectuais negras: mulheres na ciência” evidenciou a necessidade de abertura das universidades, no sentido de reverem suas grades de disciplina, ampliando as muitas vozes, ausentes nas salas de aula. Insistir na racionalidade técnica eurocêntrica, tendo a Modernidade como referência é permanecer na transmissão do saber Ocidental como modelo único. É insistir no monismo cultural, como afirma Sodré (2012) e se recusar a se abrir para uma leitura de mundo mais ampliada para além dos 500 anos de história de colonização, “descobrimos”, escravidão.

Ler o mundo, antes de ler a palavra como nos ensina Paulo Freire (1992), traz a preocupação de uma educação emancipatória, tendo as pessoas implicadas no processo educacional como sujeitas da história. O comum de Sodré (2014), em diálogo com Freire

---

(1992), hooks (2011), Césaire (2010) e outras. os tece uma potência transformadora e criativa para construir sua própria história. Considerando o tema da ciência, o esperar é por uma nova epistemologia; a epistemologia do comum, a epistemologia afirmativa da negritude, a escrevivência e tantas outras propostas que emergem no sentido de criar uma subjetividade analítica e teórica a partir da experiência, numa coexistência entre teoria e práxis.

## REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contratempo, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. Trabalho apresentado na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, em novembro de 1981.

Hooks, bell. Representação da branquitude na imaginação negra. In: \_\_\_\_ **Olhares negros: raça e representação**. Editora elefante: independente, 2011.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódio de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MASCARENHAS, Érica Larusa Oliveira. **Produção científica africana e afrocentricidade: beleza, saúde, crua e a natureza holística da ciência africana**. Dissertação [mestrado] – Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador: 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34894/3/Dissertação\\_versão%20final.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34894/3/Dissertação_versão%20final.pdf). Acesso em: 27/03/2023.

PINHEIRO, Barbara Carine. **@descolonizando\_saberes: mulheres negras na ciência**. São Paulo: editora Livraria da Física, 2020.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, RJ: 2023.

\_\_\_\_\_. **A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: 2014.